

Exma. Senhora Reitora da Universidade Católica, Professora Doutora Isabel Gil,
Senhor Presidente do Conselho Estratégico do IEP, Dr. Pedro Norton,
Senhora Diretora do *Estoril Political Forum*, Dra. Rita Seabra de Brito,
Senhor Diretor do Instituto de Estudos Políticos, nosso anfitrião e estimado amigo Professor
Doutor João Carlos Espada,
Caros alunos e professores do IEP,

Sejam muito bem-vindos a Cascais para a XXVII edição deste Encontro Internacional de Estudos Políticos que há muito se tornou uma tradição no Estoril.
Uma tradição que a Câmara Municipal de Cascais se orgulha de acompanhar e apoiar.

Em primeiro lugar porque gostamos do debate livre. Está nos no sangue.
Em segundo lugar porque, sejamos francos, espaços de reflexão como este não abundam num tempo marcado por narrativas utilitárias e verdades oficiais.
E em terceiro lugar, e estou certo que me acompanharão nestas palavras absolutamente isentas, porque não há no mundo lugar com a atmosfera do Estoril para acompanhar essa discussão.

Só mesmo no Estoril é que podemos discutir a Aliança Atlântica...
Numa sala chamada Atlântico...
Num Hotel que albergou os espiões ingleses durante a II Guerra Mundial e que se chama Palácio...
Porque o Atlântico, do outro lado da rua, era o Hotel das secretas alemãs...

E, não bastasse o peso da história, todo este vosso debate decorre literalmente a umas dezenas de metros do oceano, com os EUA na outra margem.

As efemérides são quase sempre usadas para balanços.
E os balanços usados para apontar defeitos.

Como a suposta decadência do espaço euro-atlântico, ou mais uma insuperável crise da NATO.
Ora eu prefiro apontar virtudes. E celebrá-las.

Gostava de me centrar na NATO porque se há símbolos desse grande espaço euro-atlântico, a NATO é certamente o maior de todos eles.
É verdade que a NATO tem problemas.
Mas desde quando é que não teve problemas?
Desde quando é que não teve diferenças de opinião entre os seus membros?
Desde quando é que não teve desigualdade na partilha do fardo de segurança?
Os obituários da Aliança Atlântica já foram escritos inúmeras vezes. Ainda assim, como diria Twain, os rumores sobre a sua morte têm sido claramente exagerados.

Não olhar para os problemas da NATO impede-nos certamente de ir mais longe no aprofundamento, adaptação e modernização da Aliança perante o novo ambiente estratégico do século XXI.

Mas só olhar para os problemas, desviando-nos dos seus méritos, é um engodo que ao invés de reforçar a NATO apenas serve o propósito dos seus inimigos.

A NATO é um sucesso.

A NATO é um enorme sucesso.

Um *think tank* americano estudou as alianças militares dos últimos cinco séculos. Descobriu 63 grandes alianças, das quais apenas 10 sobreviveram mais de quarenta anos. Só uma chegou aos setenta: a nossa Aliança Atlântica.

Porquê? É que a NATO cumpre.

Tal como a União Europeia, a NATO foi criada para que os Europeus não se matassem uns aos outros. E apesar de todos os problemas da Aliança Atlântica, nos últimos 70 anos os europeus viveram em paz.

Para além de salvar os europeus de si mesmos, a NATO também nasceu para proteger a Europa da ameaça comunista.

E apesar de todos os seus problemas, sete dos oito países do antigo Pacto de Varsóvia são membros da Aliança Atlântica – e o oitavo deixou de existir.

Apesar dos seus problemas, a NATO levou a luta contra o terrorismo aos campos do Afeganistão e protege o comércio internacional da pirataria nas águas da Somália.

Apesar dos seus problemas, a Aliança Atlântica continua a ser a melhor defesa de todos os países europeus contra o expansionismo russo e uma das melhores respostas contra as correntes migratórias a sul.

Vivemos num tempo que pede mais e não menos Aliança Atlântica.

Todavia, o ar do tempo sugere-nos o contrário.

Penso que estamos a fazer um enorme favor aos inimigos da liberdade quando aceitamos esse discurso como válido.

É às autocracias que mais serve o guião de rutura da NATO.

São as forças iliberais que mais carregam na crise da Aliança precisamente porque a NATO tem sido o maior tampão às suas ambições totalitárias nos últimos 70 anos.

Sou um social-democrata convicto.

Sou um atlantista comprometido.

E sou um cidadão consciente de que também é à NATO que devo a minha liberdade – porque não me esqueço que em 1974 os bastões e as armas eram instrumentos de “diálogo democrático” do Partido Comunista.

Por isso, vejo com preocupação e perplexidade que pela primeira vez na sua história em liberdade, Portugal, uma nação de vocação e identidade Atlântica, tenha na esfera do poder grupos de extrema-esquerda ostensivamente inimigos da NATO.

A política externa portuguesa é um edifício sólido. Não é particularmente condescendente com ruturas.

Isso não significa, porém, que as forças atlantistas não estejam atentas e vigilantes.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Atlântico é um espaço de comércio.

É um espaço de afinidades culturais.

É um espaço do primado da Lei.

E sim, é um espaço de democracia e de liberdade.

Se hoje vivemos nesse espaço, devemo-lo não só a instituições como a NATO e a União Europeia, mas também ao sacrifício de milhares de homens e mulheres de uniforme que gravaram para a posteridade o significado do artigo 5º: “um por todos, todos por um.”

Por eles e por nós, é tempo das forças atlantistas saírem das trincheiras e ocuparem o espaço público e político, defendendo sem calculismos nem táticas, a magnífica história de sucesso da nossa Aliança Atlântica.

Muito obrigado e sejam sempre muito bem-vindos ao Estoril.